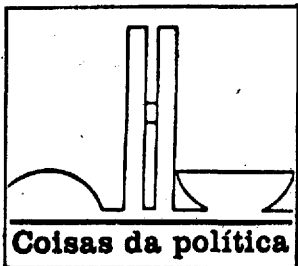


O toque do Alvorada *Arney*

Marcos Sá Corrêa

QUEM fala em "almoçar em casa" como um manifesto de apego à simplicidade não imagina o que isso pode representar em complicação, se a casa é um Palácio como o da Alvorada e para o almoço chega o Presidente da República. A caminho da mesa, todos os dias, ou pelo menos sempre que o expediente do Governo deixa, o Presidente José Sarney embarca obrigatoriamente numa frota de três Landau, além do furgão da segurança, e passa por uma guarda perfilada sob toque de corneta.



Coisas da política

Esse tipo de salamaleque não é inteiramente novo na vida de Sarney, que já havia provado o gênero, quase vinte anos atrás, como Governador do Maranhão. Na época, um adversário local, o Prefeito Epitácio Cafeteira, cunhou uma frase cheia de picardia, para insinuar que aquilo não era coisa de protocolo, mas de gosto pessoal. "Sarney está rachando os beijos dos corneiteiros", dizia Cafeteira. A história, com o tempo, saiu da oposição e hoje é o pessoal de Sarney que se encarrega de preservá-la, como tudo o que mais ou menos se encaixe na vasta tipologia do folclore maranhense.

Como a frase, que mudou de lado, o toque cerimonioso que recebe Sarney na porta do Alvorada é o prefixo musical de uma metamorfose. Com ele, fica de fora a pompa presidencial. Dentro — embora o saguão do palácio, de espelhos e azulejos dourados, lembre uma alegoria de corte desenhada por Joãozinho Trinta — o que sobe a rampa acarpetada é uma versão caseira do Presidente Sarney.

O ar doméstico do Palácio da Alvorada talvez explique melhor certos particulares do funcionamento do Governo do que todos os discursos sobre a Nova República. Foi ocupado meses atrás pelos Sarney, depois de muitos anos em que andou deixado baldio por sucessivos presidentes militares. Guardar as cicatrizes do abandono. Tem vidros colados com fita adesiva, nos imensos painéis móveis que dão para os jardins dos fundos. Há manchas de infiltrações na parte residencial, do último andar. E continua seca a piscina — de resto, um portentoso buraco azulejado, suficiente para botar de molho ao mesmo tempo toda a burocracia de Brasília.

Sem dúvida não falta luxo, numa casa decorada entre outras peças por uma coleção de 103 tapetes persas. Mas são detalhes bem menos formais que anunciam a presença de habitantes no Alvorada. Os dois netos do Presidente, filhos de Roseana e Jorge Murad, foram morar lá com a família. E, mesmo proibidos pelos avós de se espalharem pela ala social, foram pelo menos uma vez encontrados armando um esconderijo de bonecas debaixo da rampa de entrada — com azulejos dourados e tudo. Os livros da grande biblioteca, que costumava servir de fundo para gravações de mensagens presidenciais no regime militar, agora têm vestígios de manuseio e as lambadas dos livros encardenedados não mais desfilam em seqüência de cores, numa espécie de ordem unida. Lá também é um sinal de adaptação à vida humana o fato de que uma mesa de laca, imitando móvel chinês, transformada em suporte para televisão, ganhou rodas. Passou a ser empurrada pelos vários cômodos, nos horários dos telejornais.

À mesa, esses traços se acentuam. Tem farinha — d'água maranhense ao alcance da mão do Presidente. O serviço começa à francesa, mas quando chegam os doces, geralmente com o forte sotaque das frutas nortistas, a cerimônia acaba e as tigelas acabam mesmo pousando na frente dos convidados, para que cada um se sirva à vontade. Afinal, a maioria dos comensais do Alvorada ou são aparentados ou é gente que veio acompanhando os Sarney por muitas mesas, palacianas ou até de fazenda, com as marés da vida pública. Por isso, a conversa é capaz de saltar de um problema de Estado para um boletim do pediatra dos netos em menos tempo do que, na maior parte dos palácios, um convidado leva para descobrir o que fazer com a lavanda.

Tudo isso quer dizer que não adianta procurar o estilo do Governo Sarney, quem manda e quem palpita, quem fala e quem é ouvido, nas fronteiras estritas do Palácio do Planalto, onde estão os gabinetes e os corredores do Poder. Um pedaço indispensável desse mecanismo está a domicílio, dentro do Alvorada, atado por laços de parentesco ou amizade aparentemente tão difíceis de romper, que levaram pouco tempo para tomar no cenário novo a velha forma confortável que sempre teve. Não faz tanto tempo, foi preciso que os repórteres visitassem as cavalariças da Granja do Torto para entender a natureza íntima do Governo João Figueiredo, depois que ele tinha acabado. Não deixa de ser um progresso para as instituições que no atual Governo os segredos estejam guardados nesse ambiente familiar.